

# A HERANÇA FENOMENOLÓGICA: MEMÓRIAS E RECORDAÇÕES DE EDMUND HUSSERL

*Adriano Furtado Holanda<sup>1</sup>*

*Tommy Akira Goto<sup>2</sup>*

*Ileno Izídio da Costa<sup>3</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo propõe uma exposição sobre a herança e a importância da Fenomenologia a partir de registros históricos da vida e da obra de Edmund Husserl, assente nas observações de sua esposa (Malvine Husserl) e de alguns discípulos (Jan Patočka e Edith Stein), constituindo assim uma memória histórica. Defende-se que a Fenomenologia fundada por Husserl não está dissociada de sua vida nem de seu esforço existencial em aprofundar a leitura complexa da subjetividade e da vida humanas, lutando contra a absolutização do paradigma científico, o que caracteriza esta filosofia como viva, persistentemente promissora e com muito ainda a contribuir, se devidamente tomada, em muitos campos científicos. Ou seja, se respeitada em suas bases filosóficas primordiais como originalmente construída, como uma “filosofia rigorosa sobre o homem e o mundo”, o que impossibilita que se caia no esquecimento negligente. Assim, o movimento fenomenológico no mundo, transcende a relação objetiva entre “mestre”,

---

<sup>1</sup> Psicólogo, Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade de Brasília, Doutor em Psicologia pela PUC-Campinas. Professor do Departamento de Psicologia (Graduação) e no Mestrado da Universidade Federal do Paraná. Coordenador do *Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno – www.labfenoufpr.com.br)*, Editor Chefe da *Phenomenological Studies-Revista da Abordagem Gestáltica (Qualis A2)* e Editor Associado da revista *Interação em Psicologia (UFPR)*. Membro-colaborador do Círculo Latinoamericano de Fenomenologia (CLAFEN) e Coordenador do Grupo de Trabalho *Psicologia & Fenomenologia* na ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia). Email: [aholanda@yahoo.com](mailto:aholanda@yahoo.com)

<sup>2</sup> Professor Adjunto III da Pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Doutor em Psicologia Clínica (PUC-Campinas), Mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), Membro do Grupo de Trabalho *Fenomenologia* na Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), Co-Presidente da Associação Brasileira de Psicologia Fenomenológica (ABRAPFE), Membro-colaborador do Círculo Latinoamericano de Fenomenologia (CLAFEN), Membro-assistente da *Sociedad Iberoamericana de Estudios Heideggerianos (SIEH)*, Coeditor da Revista NUFEN, Coordenador do Grupo de Pesquisa da UFU/ CNPq/CAPES “Contribuições da Fenomenologia à Psicologia: fenômenos e processos psicológicos” e autor de livros sobre Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia da Religião. Email: [tommy@ufu.br](mailto:tommy@ufu.br)

<sup>3</sup> Professor Adjunto do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, Psicólogo clínico, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, MA em Filosofia e Ética da Saúde Mental (Warwick/Reino Unido), Doutor em Psicologia Clínica e Cultura e Pós doutor (USP, UFRN, UCB/Lisboa). Orientador de Mestrado e Doutorado (PPG-PsiCC/UnB), Coordenador dos Grupos de Intervenção Precoce nas Psicoses (GIPSI), Personna (Estudos e Pesquisas sobre violência, Criminalidade, perversão e "psicopatia") e do Centro Regional para Enfrentamento às Drogas da UnB (CRR-UnB/Darcy Ribeiro/Senad). Membro do Grupo de Trabalho *Psicologia & Fenomenologia* na ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia). Email: [ileno@unb.br](mailto:ileno@unb.br)

discípulo, seguidor ou dissidente. Para além dos “círculos” em torno dos quais gravita a obra de Husserl, o “movimento” se estende nas teias dos entrelaçamentos, aproximações e dissensões, acolhendo nomes tão diversos quanto o são Scheler, Stein, Fink ou Landgrebe, Heidegger, Sartre ou Merleau-Ponty, ou ainda Ricouer, Lévinas e Gadamer.

**Palavras-chave:** Husserl, Memória, Fenomenologia.

**ABSTRACT:** This article proposes an exposition on the legacy and the importance of Phenomenology from historical records of the life and work of Edmund Husserl, based on remarks of his wife (Malvine Husserl), some disciples (Jan Patočka and Edith Stein) or even followers or dissidents (Hans-Georg Gadamer, Emmanuel Levinas and Paul Ricoeur), thus constituting a historical memory. It is argued that phenomenology founded by Husserl is not dissociated from his life nor of his effort in deepening complex existential reading of subjectivity and of life, struggling against the absolutisation of the scientific paradigm, what characterizes this philosophy as alive, persistently promising and with much still to contribute, if properly taken in many scientific fields. In other words, if respected in their philosophical basis of as originally built, as a "strict philosophy about man and the world", which disable that fall into negligent forgetfulness. Thus, the phenomenological movement in the world, to be quite broad, transcends the objective of "master", disciple, a follower or dissenter. In addition to the "circles" around which gravitates the Husserl's work, the "movement" extends in the web of interrelationships, similarities and differences, enclosing diverse names as Scheler, Stein, Fink or Landgrebe, Heidegger, Sartre and Merleau-Ponty, or even Ricouer, Lévinas and Gadamer.

**RESUMEN:** Este artículo propone una reflexión sobre la herencia y la importancia de la fenomenología desde registros históricos de la vida y la obra de Edmund Husserl, con base en consideraciones de su esposa (Malvine Husserl), algunos discípulos (Jan Patočka y Edith Stein) o incluso de los seguidores o disidentes (Hans-Georg Gadamer, Emmanuel Levinas y Paul Ricoeur), constituyendo así una memoria histórica. Se argumenta que la fenomenología fundada por Husserl no está disociado de su vida ni de su esfuerzo de existencial profundización de la lectura compleja de la subjetividad y de la vida, luchando contra la absolutización del paradigma científico, lo que caracteriza a esta filosofía como viva, persistentemente prometedora y con mucho todavía para contribuir, si debidamente considerada en muchos campos de la ciencia. En otras palabras, si se respeta en su base filosófica como originalmente fue construido como una "filosofía estricta acerca del hombre y del mundo", lo que significa sin caer en el olvido negligente. Así, el movimiento fenomenológico en el mundo, al ser muy amplio, trasciende la relación objetiva de "maestro", discípulo, seguidor o disidente. Además de los "círculos" alrededor de los cuales gravita la obra de Husserl, el "movimiento" se extiende en las tramas de relaciones, similitudes y diferencias, aceptando nombres tan diversos como Scheler, Stein, Fink o Landgrebe, Heidegger, Sartre y Merleau-Ponty y Sartre; o incluso Ricouer, Lévinas y Gadamer.

## **Introdução**

A Fenomenologia fundada por Edmund Husserl (1859-1938) a partir de suas “Investigações Lógicas” em 1900 e 1901 influenciou várias gerações de filósofos e

cientistas de diversas nacionalidades, constituindo assim um “movimento fenomenológico”, tal como definiu o historiador Herbert Spiegelberg (1982). A repercussão da Fenomenologia na filosofia e nas diversas ciências humanas pode ser notada não só pelas influências e contribuições, mas também pelas diversas críticas a ela endereçadas, críticas que fazem esta filosofia movimentada e persistentemente promissora.

Spiegelberg (1982) atribui o termo “movimento” para a Fenomenologia a partir de algumas bases metafóricas: é um movimento, pois tem dinamismo e seu “desenvolvimento é determinado por seus princípios intrínsecos, bem como pelas ‘coisas’, pela estrutura do território que encontrou”; e continua: “como um fluxo, ela compreende várias correntes paralelas que estão relacionadas, mas não são homogêneas, e podem se mover em velocidades diferentes”; e, por fim, pode-se dizer que a Fenomenologia foi definitivamente um movimento porque tem “um ponto de partida comum, mas não precisam ter um destino comum definido e previsível”, sendo “compatível com o caráter de um movimento que seus componentes ramificam em diferentes direções” (SPIEGELBERG, 1982, p. 02).

E hoje? Bem, na contramão daquilo que Heidegger (2009) afirmou no seu texto “Meu caminho na Fenomenologia”, ao dizer que “o tempo da filosofia fenomenológica parece ter terminado. [...] como algo já passado, referido de uma forma apenas histórica, ao lado de outras tendências da Filosofia” (p. 12), percebemos que a Fenomenologia está em tempo, viva, presente em muitas mais áreas do conhecimento que antes, longe de ter terminado, constituindo assim um grande número de autores e investigações dentro desse “movimento”. Devemos conjecturar que a Fenomenologia está para além de um “movimento” ou de uma “escola filosófica”; é a própria Filosofia! Historicamente, a Fenomenologia se tornou uma referência filosófica imprescindível do século XX, permanecendo no subsolo daquilo que viria em seguida, tanto nas filosofias que surgiram frente aos limites atribuídos a ela, quanto à possibilidade de se revisitar as filosofias já constituídas a partir do paradigma fenomenológico.

A fenomenologia nasce, então, enquanto método e filosofia como resposta ao nosso tempo eivado de crises pessoais (subjetividades), crise das ciências e da civilização (cultura), apresentando-se como “outro modo” para pensar a realidade, de justificar a ciência, de tratar realidade e verdade, de conceber valores. Aplicado à

realidade do ser humano, o método dá origem ao pensar (“modo de ver o mundo”) fenomenológico, um esforço (contínuo, constante) de valorização da subjetividade em situação e de pensar sobre a transcendência do homem. Com a Fenomenologia sabemos que a vida autêntica não parece possível estar fora da consciência, nem num espírito independente da situação vivida. O desafio é descrever a existência humana de uma forma inteiramente nova.

Nesse texto, optamos por destacar a importância, o legado e a herança da Fenomenologia não a partir do desenvolvimento de suas análises e dos problemas implicados, nem a partir dos confrontos ou de suas “heresias”. Leia-se, “maus-usos”, confusões conceituais, apropriações indébitas, distorções e profanações, dentre outras. Mas sim, a partir da presença do “mestre” Husserl como filósofo e pessoa, que, como veremos, era considerado essencial para a força da Fenomenologia. Para isso iremos recorrer às memórias, às recordações de familiares e de alguns de seus principais discípulos, que deixaram importantes testemunhos acerca do modo de ser e de pensar de Husserl e sua relação vital com a Fenomenologia, uma vez que não vemos possibilidades de dissociar “a vida da obra”.

As recordações aqui presentes não são lembranças ao acaso; diferentemente, são lembranças que vieram com o propósito de manter presente e persistente aquilo que se viveu ou presenciou com tanta intensidade entre os fenomenólogos. Ainda, são recordações que trazem para o “hoje”, tudo aquilo que não está mais aqui conosco, porém já esteve em um momento pretérito, mantendo “aqui” tudo o que foi vivido, impossibilitando assim que se caia no esquecimento negligente (RICOEUR, 2007). É interessante destacar que, como ressalta Ricoeur, lembrar-se de alguém ou de algo é também se lembrar de si mesmo e, mais ainda, é um lembrar coletivo, presente nos grupos, amigos, familiares, etc.; constituindo assim uma memória histórica. A exemplo disso, podemos citar a experiência marcante do encontro entre um dos autores desse texto, Tommy Goto, com o saudoso professor Guillermo Hoyos Vásquez - filósofo colombiano e grande conhecedor do pensamento husserliano. Nesse encontro na cidade de São Paulo, o professor Guillermo Hoyos Vásquez narrou com detalhes a sua vivência acadêmica em Colônia, na Alemanha, sob a orientação de Ludwig Landgrebe. Essas lembranças foram para além das memórias pessoais sobre a orientação e as impressões vividas naquela época; advieram lembranças das histórias que o próprio Landgrebe

narrava sobre a sua amizade e discipulado com o “mestre” Husserl. É como se tudo aquilo que se viveu, retornasse ao presente e começasse a fazer parte também de novas recordações.

Dessa forma, resgataremos algumas recordações que consideramos importantes para o objetivo deste ensaio, notadamente as de sua esposa Malvine Steinschneider Husserl, de uma discípula dedicada, presente e de grande prestígio como Edith Stein, e de um discípulo tardio como Jan Patocka, que de maneira pessoal ou teórica escreveram suas lembranças da convivência com o mestre Husserl. Todas estas, “atravessadas” por tantas outras, de tantos outros mestres - Paul Ricouer, Jean-Paul Sartre, Émmanuel Lévinas -, que de sua convivência e interlocução, tiveram na Fenomenologia e na personalidade de Husserl, uma referência obrigatória e marcante. Consideramos essas recordações como parte daquilo que sustentou o assim chamado “movimento fenomenológico”, pois mantém viva e ainda ativa a personalidade, o modo de ser e de pensar de Husserl, além de contextualizar o mundo histórico do desenvolvimento da própria Fenomenologia. As lembranças de Husserl mais que relatos, são compreensões de como ele viveu a sua vida filosófica própria, os problemas imputados a ele e como se deram as conexões com a história. “Tudo aquilo que é humano, afirma Dilthey, transforma-se em documento, que atualiza para nós de algum modo as possibilidades infinitas de nossa existência” (DILTHEY, 2010, p. 241).

Sartre (1989) afirma que o grande acontecimento da filosofia, antes da guerra, havia sido o surgimento do *Jahrbuch für Philosophie und phänomenologische Forschung*, no qual, em 1913, se publicava o primeiro volume das *Ideen* de Husserl. “Tanto quanto a filosofia, esse livro estava destinado a revolucionar a psicologia” (p. 104). E Ricouer (2009, p. 8) afirma que “Husserl não é toda a fenomenologia, embora seja de certa maneira o seu nó”. Tudo isto justifica a tomada de um conjunto de recordações com respeito ao “mestre”, como forma de reconhecermos a singularidade desta Filosofia tão presente em nosso tempo.

### **Memórias de Malvine Husserl**

Malvine Steinschneider Husserl (1860-1950) foi esposa de Edmund Husserl e tiveram três filhos, sendo Elizabeth a filha mais velha, Gerhart e Wolfgang, o mais novo

e “o preferido da mãe”, como observou Stein (2002). Por infelicidade, perderam Wolfgang em Flandres (região norte da Bélgica) com dezessete anos, como soldado voluntário em 1916. Ambos eram judeus, convertidos no protestantismo. No caso de Malvine, ainda nos seus últimos anos de vida, acabou se convertendo ao catolicismo (SCHUHMANN, 1988).

Podemos dizer que a Sra. Husserl teve uma presença ativa na escola fenomenológica, tanto nos momentos pessoais quanto nos momentos filosóficos de Husserl. No entanto, a “Malvine” - como todos mais próximos a chamavam, segundo Stein (2002) - não era uma intelectual, nem uma acadêmica e, ainda, não nutria interesse pela filosofia; ao contrário, como narra Stein (2002), ela considerava a filosofia uma “grande desgraça de sua vida” (M. HUSSERL, 1988, p. 203). Isso se justifica pelo fato que durante muitos anos Husserl teve que viver como “docente” antes de virar um “professor” e ainda que o cargo que ocupava fosse sob medida na época e não um cargo de professor titular. Esse fato fez com que Malvine até desestimulasse seus filhos de qualquer atividade ligada à Filosofia (Stein, 2002). Contudo, não a fez se afastar do ambiente acadêmico e social de seu esposo, assim como pela vida cultural e intelectual de sua época. Logo após a morte de Husserl, Malvine resolve escrever em estilo coloquial algumas recordações de seu esposo filósofo quando se encontrava na Bélgica refugiada dos nazistas em um mosteiro católico. O texto foi originalmente publicado por Karl Schuhmann no “Skizze eines Lebensbildes von E.Husserl” em 1988.

Inicia seus registros lembrando-se das palavras que Husserl disse uns dois meses antes de sua morte, e que lhe causaram forte impressão: “Quanto mais velho você fica, mais o olhar se volta para a vida que passou; deve-se apenas evitar banalizá-la”. Diante dessas palavras, Malvine problematiza que tipo de biografia ela deveria fazer e, assim, decide anotar tudo aquilo que viesse no fluir de suas recordações, ciente da existência de lacunas e, “ainda com maior certeza: sem pretensões literárias, mas com a esperança de não serem banais” (M. HUSSERL, 1988, p. 01). O texto fica então dividido entre cidades que Husserl passou e as cidades que viveram, evidenciando os eventos que considerou marcantes: Olmütz, Leipzig, Berlim, Viena, Halle a. S., Göttingen e Freiburg.

É interessante destacar que Malvine (1988) começa as suas lembranças pela vida estudantil de Husserl, dizendo que seu esposo não era um bom estudante, não tinha



interesse pelas aulas e nem ambição alguma. Os seus estudos em Olmütz (atual Olomouc, na República Checa, cidade a cerca de 20 quilômetros de onde nascera) foram realizados de maneira obrigatória com a única finalidade de passar de turmas. Comenta ainda que em um dos exames que Husserl prestou, especificamente para poder sair do nível médio e poder ingressar na universidade, o diretor comentou: “Senhor conselheiro, Husserl tem sido nosso pior aluno” (M. HUSSERL, 1988, p. 02). Em contrapartida, Husserl, tinha um interesse muito grande pela ótica, astronomia e, possuía desde jovem um telescópio *Zeiss*. O seu interesse era tão intenso por esse telescópio que Husserl acabou por encontrar um defeito em suas lentes, sendo mais tarde convidado pelo físico alemão Prof. Ernest Abbe – diretor de um Instituto “Leopold” e colaborador na fabricação do telescópio – para ingressar nos estudos desse instituto, porque, como comentou, “nenhum dos peritos descobriu essa falha. Está assegurado a ele um futuro bem-sucedido” (M. HUSSERL, 1988, p. 1). Esse foi um dos interesses que acompanhou Husserl até sua morte; inclusive, aproximadamente dois meses antes de morrer, Husserl ainda quis construir um novo telescópio.

Em Leipzig seus estudos em astronomia foram realmente bem-sucedidos, possibilitando ainda a Husserl boas relações, principalmente com Thomas Masaryk - que mais tarde se tornaria presidente da antiga Checoslováquia - responsável por introduzir Husserl na “União Estudantil da Saxônia” e dos “Sete Condados”, e também foi responsável por apresentar a Husserl a filosofia de Franz Brentano, na qual era discípulo, mesmo em um momento que seu amigo estava entregue de corpo e alma à matemática.

Dois anos mais tarde, no ano de 1878, Husserl abandona a astronomia e encaminha-se para Berlim. Encontrou tanto na cidade quanto na Universidade de Berlim um “céu muito estrelado”, “estrelas da magnitude de [Karl] Weierstrass, Helmholtz, [Robert] Bunsen, entre outros, eram os líderes geniais no caminho do conhecimento” (M. HUSSERL, 1988, p. 2). Malvine lembra que Husserl, mesmo com idade avançada, sempre se referia a essa época com muito carinho, destacando o sentimento e entusiasmo que tinha seu “jovem coração quando podia ver e ouvir os tais heróis do espírito” (p. 02). Sua esposa destaca também que nessa mesma época não havia nenhum interesse de Husserl na Filosofia, mesmo tendo assistido cursos de Paulsen e Zeller; tinha seu coração ligado à matemática.

A partir de 1881, Husserl encaminha seus estudos na Universidade de Viena e, como desejou seu pai, doutorando-se e prestando serviço militar. Terminado tal compromisso aceitou a nomeação de Karl Weierstrass, seu orientador, para ser assistente em Berlim. Contudo, Husserl voltou a Viena e por lá seguiu os conselhos de Masaryk, assistindo os cursos de Franz Brentano, e assim, nas palavras de Malvine, “seu futuro espiritual ficou decidido”. Malvine chama atenção para o fato que naquele momento houve a firme decisão de Husserl em tornar-se um filósofo. Husserl acabou sendo muito bem recebido por Brentano, que viu nesse jovem estudante, ou melhor, no “jovem doutor”, “ruivo claro de olhos azuis, tímido e sonhador”, um jovem filósofo entusiasta. Com o tempo Husserl passou a frequentar também sua casa e até passou longas férias com a família Brentano. Malvine lembra que essa relação foi frutífera e afetuosa, sendo que Brentano paternalmente acabou encaminhando todos os passos subsequentes de Husserl, indicando-o para ir a Halle e obter habilitação com Stumpf.

Do mesmo modo que Brentano, Husserl também foi recebido por Stumpf com muita confiança e amizade, tratando-o “quase como um membro da família”, sendo “o mentor, o conselheiro, o amigo paternal”. Malvine também relembra que em Halle, os anos de 1887 a 1901 foram decisivos para o “futuro espiritual de Husserl”, pois foram anos em que Husserl preparou sua habilitação com a monografia “Sobre o conceito de número” e que, depois de publicado, o texto foi ampliado e recebeu o nome de *Filosofia da Aritmética*. Após quase 10 anos de imersão em investigações penetrantes, apareceram as *Investigações Lógicas* em 1900/1901. Para Malvine (1988) esses anos foram de “penosas lutas interiores com os problemas e de grande insegurança sobre si mesmo”, mas que se “converteram o ferro bruto em aço bem temperado”. Ela lembra ainda que nesse período Husserl diariamente se dirigia a um orfanato e lia uma inscrição sobre o portal que dizia: “Mas aqueles que esperam no Senhor, renovam as suas forças” (Isaías 40, 31), frase que adotou como lema.

Além de todas as dificuldades e todo o esforço intelectual de Husserl nesses decisivos anos, que redundaram no nascimento da Fenomenologia, Malvine também destaca a vida social e as relações sociais que tiveram. Cita então, de maneira limitada, Stumpf, Hans V. Armin e Georg Cantor e, em seguida, mais outras grandes amizades, antigos membros da “União Estudantil da Saxônia” e dos “Sete Condados” de Leipzig, como o matemático Grassmann e o físico Albrecht. É interessante como Husserl, nesse



período, manteve relações com áreas de conhecimento que serão decisivos para a constituição da Fenomenologia, tais como a Psicologia, Filosofia e as ciências naturais; e isso pode ser visto nas suas relações de amizade e de admiração com ilustres filósofos e cientistas de uma universidade que tinha um significativo destaque.

Com “a aparição das ‘Investigações Lógicas’ começou uma nova época” (M. HUSSERL, 1988), como é bem sabido por todos nós. Começou a “nova época” de Husserl em Göttingen. Agora já um professor *Extraordinarius* e “pronto para começar a atividade docente em grande estilo”. Apesar de Husserl ter a convicção que as suas *Investigações Lógicas* iriam produzir reações no futuro, algo bem diferente aconteceu. Em verdade, suas “Investigações” “caíram em Munich como uma bomba”, no grupo de estudantes de Theodor Lipps e, logo em seguida, possibilitou a formação de um círculo de estudantes que desejavam estudar com seu autor. Dentre estes, Malvine cita Adolf Reinach, Dietrich von Hildebrand, Max Scheler, Conrad-Martius e Erhard Schmidt; estudantes que saíram de Munich com direção a Göttingen, e que se tornaram alunos e amigos, uns mais interessados, outros curiosos. Comenta também que Husserl sempre dava preferência aos seus alunos, abrindo a porta de sua casa em vários dias da semana, inclusive aos domingos quando recebia um ou dois alunos mais avançados em sua “mesa familiar” (M. HUSSERL, 1988, p. 06).

Apesar desse novo ritmo acadêmico de cursos e seminários que, segundo Malvine, exigiam muito tempo e forças de Husserl, isso não atrapalhou em nada a continuidade em torno dos seus problemas filosóficos. “Os triunfos não o seduziam. Seu crescimento consistia, no fundo, em ser vencido por coisas maiores” (M. HUSSERL, 1988, p. 06). Lembra ainda de dois eventos que considerou de grande importância: primeiro foi a aparição das *Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma filosofia fenomenológica* em 1913, que causou grande surpresa aos discípulos mais próximos, levando-o a uma difícil aceitação. “Quão poucos atravessaram o dilúvio inesperado de novos pensamentos e chegaram à outra margem!” (M. HUSSERL, 1988, p. 06), recorda. Outro evento desse período dizia a respeito de Wilhelm Dilthey. Para Malvine, Dilthey foi um dos poucos importantes filósofos que reconheceu de início a força das *Investigações Lógicas*, uma obra “chamada a fazer época”. Relembra a visita “inesquecível” de Dilthey e as palavras ditas a ela: “estimada senhora, as *Investigações Lógicas* são o prólogo de uma nova época para a filosofia. Esta obra verá, todavia,

muitas edições; use toda a sua influencia para que não a reelabore, é um momento histórico, deve permanecer como foi criada” (M. HUSSERL, 1988, p. 07). Mas apesar dessa recomendação, Husserl tentou fazer uma reelaboração, principalmente na VI Investigação, mas quando estavam prontas, acabou destruindo-as.

Termina suas memórias de Göttingen, deixando de lado Breslau, Jena e Bonn, afirmando não terem lá nada de importante e de consequências, porém lembra-se de Freiburg de maneira bem diferente. Para Malvine, os anos de 1916 a 1937 foram anos que levaram Husserl a um “caminho rochoso e íngreme”. Segundo ela, a vida de Husserl estava cada vez mais pautada por uma ideia de *infinito*, até mesmo nos seus últimos dias “possuiu um horizonte temporal infinito para suas tarefas infinitas”. Era como se tivesse uma “missão alta” e, assim, toda a sua vida se converteu em um esforço de cumprir essa missão.

Com 78 anos, Husserl encaminha todas suas forças na obra culminante que Malvine caracterizou como “seu patrimônio espiritual”, a *Crise das Ciências europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Logo em seguida, anuncia a forte enfermidade de atingiu Husserl, levando o filósofo a um “caminho de dor que duraram nove meses e que o conduziu até as alturas da vida humana”. Por fim, termina suas memórias descrevendo o último suspiro de seu esposo Edmund Husserl:

A noite da morte foi uma revelação dos mistérios mais profundos da existência humana. Foi despertado o assombro, a reverência, a comoção, o sentimento daquilo que é maior, quase certamente um sentimento de felicidade – não se derramaram lágrimas, não havia sinais de qualquer dor amarga. Ele estava na mais completa calma, seu rosto se tornava cada vez mais bonito, não se via nenhuma ruga sobre sua pele brilhante, a respiração estava mais calma, e quando a enfermeira se inclinou sobre ele e disse *Profiscere anima christiana*, exalou então apenas audível o seu último suspiro. Ele morreu como um santo – disse comovida a irmã da ordem<sup>4</sup> (M. HUSSERL, 1988, p. 07).

### **Memórias de Edith Stein**

Edith Stein (1891-1942), filósofa, judia, monja católica, foi uma das alunas, discípulas e assistente pessoal de Edmund Husserl, no período em que o “mestre” se estabeleceu em Göttingen. Por sua capacidade intelectual e estudos avançados na

---

<sup>4</sup> Irmã Adelgundis Jaegerschmidt. Ver em: “Gespräche mit Husserl”, *Stimmen der Zeit* 199, p. 48-58, 1981.

Fenomenologia acabou sendo aceita pelo filósofo para a orientação de sua tese de doutorado que acabou se intitulando “Sobre o Problema da Empatia” (*Zum Problem der Einfühlung*, 1917). Concomitante ao trabalho docente, Stein tornou-se assistente de Husserl, ajudando-o na elaboração e transcrição dos textos estenografados de Husserl, tais como o II volume da obra *Ideias para a Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica* e as *Lições para uma Fenomenologia da consciência interna do Tempo*.

Edith Stein, dentre tantas obras filosóficas, teológicas e pedagógicas, escreveu também uma autobiografia intitulada *Da vida de uma família judia - e outros escritos biográficos* (STEIN, 2002). Esse relato começou a ser escrito em 1933, ano em que Stein estava novamente com sua família em sua cidade natal, Breslau, e aguardava a resposta de seu pedido de entrada no Carmelo de Colônia. Stein diz que foi só em 1939 – ano em que se encontrava no convento em Echt, na Holanda, devido à política antissemita que estava se instalando na Alemanha de Adolf Hitler – que pôde retomar seus escritos dessa autobiografia. Em 1942, com a invasão nazista na Holanda, Stein, agora carmelita judia, foi obrigada a abandonar sua comunidade e, como muitos outros judeus, encaminhada para o campo de concentração, terminando por morrer numa câmara de gás em Auschwitz. Os escritos autobiográficos, junto com tantos outros em que Stein tinha registrado seus estudos e cursos, ficaram no Carmelo de Colônia devido sua transferência para Echt e para que não criassem problemas com as autoridades da fronteira. Logo depois de sua partida, os escritos seguiram para Echt por meio de um sacerdote. Com notícias que Echt seria bombardeada, as irmãs refugiaram-se em outro monastério – o monastério de Herkenbosch – levando com elas os papéis de Stein. Por infelicidade, esse monastério também foi bombardeado e assim as irmãs deixaram-no também, porém sem levar os papéis de Stein.

Por sorte, os manuscritos permaneceram ali, debaixo dos escombros, até a guerra terminar em 1945. Depois de resgatados, os escritos foram reunidos e organizados no convento das Irmãs Carmelitas Descalças de Colônia, onde atualmente se encontram. Como comenta Rojo - na apresentação da tradução da carmelita - a autobiografia de alguém como Edith Stein “bem pode servir de estímulo para tomar consciência das possibilidades que toda existência esconde; de que mesmo que pesem as circunstâncias mais adversas, sempre nos resta espaço para decidirmos por nós mesmos, para fazermos

cargo de nossa vida e da dos demais” (STEIN, 2002, p. 158); e isso nos inspirou a somar também aqui as lembranças de Edith Stein do “mestre” Husserl.

Em sua autobiografia, Stein (2002) relata sua convivência detalhada com o “mestre” e os amigos fenomenólogos, principalmente no capítulo “Os anos de estudo em Göttingen”. Quase todo seu relato autobiográfico traz passagens de sua relação com Husserl, sua família, amigos e a própria escola fenomenológica. Assim, iremos centralizar a descrição nas recordações que Stein relata do período que Husserl permaneceu em Göttingen.

Depois de ter percorrido muito caminhos, como recorda Stein, chega então com 21 anos a Göttingen, uma cidade “cuja universidade e os estudantes eram o centro da vida” (STEIN, 2002, p. 345). Via essa cidade como promissora, pois não era apenas uma cidade e sim uma cidade universitária que tinha um passado de ilustres, tais como os irmãos Grimm, os físicos Johann C. F. Gauss e Eduard W. Weber e os chamados “Sete de Göttingen”<sup>5</sup>. Ainda, diz que era uma cidade com muitas celebrações e tradições a ponto de não ter aulas nem nas quartas-feiras e nem aos sábados. Lembra que somente os filósofos Leonard Nelson e Edmund Husserl não levavam isso a sério; no caso de Husserl, até oferecia seminários nas quartas-feiras. Também comenta sobre a Universidade em detalhes, sobre a disposição geográfica dos cursos, destacando a separação física dos departamentos de filosofia e psicologia. “A separação geográfica dava a entender que, lá em Göttingen, filosofia e psicologia não tinham nada em comum” (STEIN, 2002, p. 347).

No entanto, apesar de todos os atrativos de Göttingen, a ida de Stein tinha um motivo principal: a fenomenologia [Husserl] e os fenomenólogos. Seu amigo Georg Moskiewicz aconselhou Stein que, ao chegar a Göttingen, fosse primeiro ao encontro de Adolf Reinach (aluno e assistente de Husserl, fundador do “Círculo de Göttingen”), que ele se encarregaria de encaminhá-la ao Husserl. E assim foi feito: “segui ao pé da letra o judicioso conselho de Moskiewicz” (STEIN, 2002, p. 352). Reinach a recebeu muito bem, acompanhou pacientemente suas explicações e perguntou: “Senhor Moskiewicz escreveu-me a seu respeito. A senhorita já estudou fenomenologia, verdade?” (STEIN,

---

<sup>5</sup> Além de Weber e dos irmãos Grimm, pertenciam aos assim chamados “7 de Göttingen” o historiador de direito Wilhelm Eduard Albrecht, o historiador e político Friedrich Christoph Dahlmann, o orientalista e teólogo Georg Heinrich August Ewald, e o historiador de literatura e político Georg Gottfried Gervinus.

2002, p. 353). Finalizada a conversa, comenta Stein, Reinach se dispôs a acompanhá-los nos estudos avançados e prometeu apresentar-lhe Husserl.

Com o início dos estudos, Stein lembra que acabou não indo diretamente à casa de Husserl para se apresentar, fez algo diferente. Após ler no quadro de informações que o filósofo tinha anunciado uma sessão preliminar de um seminário, resolveu apresentar-se, tal como faziam os recém-chegados, na expectativa de ser aceita. “Foi ali que vi pela primeira vez Husserl em carne e osso diante mim” (STEIN, 2002, p. 354). Desse momento a jovem estudante destaca que, no aspecto exterior, Husserl não tinha nada que chamasse a atenção; era um professor naturalmente distinto, de altura mediana e “belo rosto expressivo”. Husserl tinha feito cinquenta de dois anos. Ao final de sessão, como relembra Stein, Husserl conversou com os novatos e quando chegou a sua vez, disse:

- O senhor Reinach falou-me da senhorita. A senhorita já leu algo dos meus trabalhos?
- As *Investigações Lógicas*.
- Todas as *Investigações Lógicas*?
- O segundo volume inteiro!
- Todo o segundo volume? Essa é realmente uma façanha heróica!, disse ele sorrindo. E assim, eu fui aceita” (STEIN, 2002, p.3 54).

Descrevendo esse acontecimento, Stein chama atenção para o fato que nesse período Husserl tinha acabado de publicar as *Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma filosofia fenomenológica* e que a obra seria discutida nesse seminário. Relembra ainda que as *Investigações Lógicas* tinham gerado um impacto, porque apareciam como um distanciamento radical frente ao idealismo kantiano e neokantiano; mas que, com a publicação das *Ideias* teve o início outra revolução, pois Husserl foi levado a considerar seu “idealismo transcendental” (não o idealismo transcendental das escolas kantianas) como centro de suas investigações filosóficas e a concentrar toda sua energia em estabelecer novas bases filosóficas. Para Stein esse foi “um caminho pelo qual seus alunos de Göttingen não puderam segui-lo, tanto para sua grande dor quanto para a deles” (STEIN, 2002, p. 355).

Assim, Stein passou a frequentar a casa de Husserl e expor suas reflexões. Foi aos poucos se familiarizando com os Husserl, principalmente com a esposa Malvine. Stein (2002, p. 357) considerava “Malvine”, como a chamavam na época, uma pessoa de presença, mas que gerava ansiedade entre os alunos, pois apesar de ter sua simpatia,

também “tratava muito mal a quem não podia suportar”. Em relação a Stein, lembra que várias vezes, quando estava em plena discussão com Husserl, Malvine aparecia, interrompia a discussão para cumprimentá-la. Também conta que Malvine assistia regularmente às aulas de Husserl, mesmo não tendo nenhum interesse ou vocação para a filosofia, mas que, conforme confessou, gostava de ficar contando as pessoas presentes. Edith Stein narra um fato que achava curioso da família Husserl. Sabia-se que Husserl e sua esposa nasceram judeus e que tinham se convertido ao protestantismo. Criaram seus filhos na educação protestante, porém mantinham em silêncio o fato de serem judeus, deixando-os sem saber direito de suas origens judias.

Em Göttingen, como descreve Stein, seria criada uma “sociedade filosófica”, formada por um grupo seletivo dos alunos de Husserl e que se reuniam uma vez por semana para discutir temas importantes. Pertenciam à sociedade seus alunos Adolf Reinach, Conrad e Hedwig Martius, Dietrich von Hilbebrand, Moskiewicz, Alexander Koyré e Jean Hering. No entanto, como observa Stein, nem todos os alunos de Husserl e que frequentavam seus seminários pertenciam à sociedade. Em sua opinião, isto estava ligado aos grupos de caráter nacionalista, pois diz que em “Göttingen, os americanos e os ingleses formavam colônias à parte e permanecia a maior parte entre si” (STEIN, 2002, p. 363).

Esses jovens da sociedade também eram muito influenciados por Max Scheler e, às vezes, acabavam sendo mais dependentes intelectualmente de Scheler que de Husserl. Max Scheler era um antigo aluno de Husserl, pertencente ao grupo de Munique, porém, como observa Stein, também um adversário do “mestre”. Ela cita ainda que as relações entre Husserl e Scheler não eram tão calmas e, sempre que tinha oportunidade, o filósofo de Munique dizia que não era aluno de Husserl e que tinha encontrado independentemente o método fenomenológico. Na opinião de Stein, Scheler atraía os jovens porque tinha reflexões geniais e tratava de temas próximos à vida, de caráter vital, enquanto Husserl tratava de temas mais “secos e abstratos”, porém mais profundo. Em contrapartida, Husserl tinha Reinach como um aluno de muita confiança e admiração; conhecia bem a fenomenologia naquela época, sendo sempre mais claro que o mestre, embora menos profundo.

Naquela época, Husserl incentivava muito seus alunos a participarem dos cursos no Instituto de Psicologia, como recorda Stein. O mestre achava importante que seus



alunos se familiarizassem com os métodos das ciências positivas, mesmo sendo os psicólogos, como Georg Müller, por exemplo, “ferrenhos adversários da fenomenologia”, a ponto que acharem que nada existia para além da psicologia experimental. Stein também nos conta que achava estranho o procedimento dos psicólogos, pois não diziam uns para os outros o teor de seus trabalhos e dedicavam-se em grande segredo em seus laboratórios. Comenta ironicamente:

Fiquei sentada numa sala escura em frente a um taquistoscópio e me davam um curto instante para ver, diferentes figuras, verdes e luminosas, uma atrás outra. Eu tinha de dizer então o que havia visto. Concluí que se tratava do reconhecimento de figuras, mas não descobri nada mais sobre aquilo. Nós, os fenomenólogos, ríamos muito desse gosto pelo segredo e, ao contrário deles, ficávamos contentes em poder trocar nossas ideias livremente. Não tínhamos o menor temor de que alguém pudesse roubar os resultados um do outro (STEIN, 2002, p. 370).

Esse foi também um período decisivo, porque Stein estava por definir o tema de sua tese. Em um curso sobre a natureza e espírito, Husserl havia lhe dito que o mundo exterior podia ser apreendido só intersubjetivamente e isso determinou a sua escolha de seu tema sobre a “empatia”. Mas, em 1914, veio a guerra e isso tirou a tranquilidade dos jovens daquela cidade. Stein diz que permaneceu tranquila e continuou seu trabalho, embora estivesse pronta para interrompê-lo a qualquer momento. Muitos jovens universitários se colocaram à disposição dos trabalhos da Cruz Vermelha, entre eles a própria Stein. Passou então como enfermeira no serviço voluntário e depois de alguns meses, considerou a necessidade de descansar e retornar a Göttingen, retomando sua pesquisa da tese. Assim, retornou para encontrar seu mestre, mas foi surpreendida com a notícia de que ele havia recebido um convite para assumir uma cátedra de filosofia na Universidade de Friburgo.

Edith Stein foi a primeira aluna de Husserl a defender um trabalho na Universidade de Freiburg, depois de sua mudança. Em 1916 foi aprovada com o conceito máximo de *Summa cum laude*. Apesar do rigor extremo e das poucas palavras dispensadas a Edith durante o trabalho, Husserl, agora satisfeito com o resultado, afirmou que se tratava de uma produção original e disse: “Você é uma jovem muito capaz” (STEIN, 2002, p. 489). Aqui se encerram os registros autobiográficos de seu período filosófico na escola fenomenológica. Em seguida dedica mais um capítulo referente à sua conversão ao catolicismo, narrando “como cheguei ao Carmelo de Colônia”.

Na sequência dos acontecimentos, logo após sua defesa, porém sem os registros autobiográficos, Husserl convida Stein para ser sua assistente, cuja atividade principal consistia em ordenar, selecionar os manuscritos de seu mestre e preparar os originais de seu novo livro para impressão. Nos anos subsequentes, outros acontecimentos mudariam as escolhas de Stein, como a dificuldade na assistência com o mestre Husserl e a morte de seu amigo Reinach. Após a morte do amigo, Stein passa a rever toda a sua trajetória de fé, iniciada na relação com Reinach e os Martius. Em 1922, decide ser batizada no catolicismo, adotando o nome de Teresa Hedwige, em gratidão à Santa e em homenagem à sua amiga e madrinha de batismo, Hedwige Conrad (FELDMANN, 2001)

Nos anos 20 e início dos 30, Stein se dedica a cátedra, deixando cada vez mais os trabalhos com Husserl. Em uma carta destinada a seu amigo Roman Ingarden, datada de fevereiro de 1918, Edith desabafa: “No fundo, o que não suporto é a ideia de ficar à disposição de alguém. Eu posso me colocar a serviço de uma coisa e fazê-la de diversas maneiras por amor a alguém. Mas, em síntese, ficar a serviço de uma pessoa apenas para obedecê-la, isso eu realmente não posso. E, se Husserl não se acostumar a me tratar como uma verdadeira colaboradora, como eu sempre percebi a nossa relação e como ele mesmo, em tese, também percebe, então o jeito é a gente se separar mesmo (STEIN, 1973, p. 42-43)”. Em outra carta Stein comenta, por fim que, sem Husserl, estaria também mais livre para começar de novo e por conta própria. Mesmo deixando a assistência de Husserl, Edith Stein manteve sempre contato com os textos do mestre e, ainda, obtinha notícias do filósofo pelos amigos e, principalmente pela Irmã Adelgundis Jaegerschmidt.

Anos mais tarde, diante do cenário que ia se delineando depois de 1933, Stein não via mais possibilidades de avanço em seus trabalhos filosóficos devido às diversas políticas impostas. Por fim, toma uma decisão que chegou a ela durante uma missa no Domingo do Bom Pastor, em 30 de abril de 1933: ir para o convento e se apresentar às carmelitas de Colônia. Em 1942, a Europa novamente em guerra mundial, Stein é presa no Carmelo na Holanda e é levada para o campo de concentração, onde por fim, acaba morrendo na câmara de gás junto à irmã. Comenta então uma testemunha ocular:

Os lamentos no campo e o nervosismo dos recém-chegados era indescritível. Edith Stein ia por entre as mulheres, consolando, ajudando, tranquilizando como um anjo. Muitas mães, já beirando a loucura, deixavam de cuidar de

seus filhos por vários dias e mergulhavam em um desespero absoluto. Irmã Benedita logo os tomava em seus braços, lavava-os e penteava-os, providenciava-lhes comida e cuidado. [...] A freira que eu logo notei e que eu nunca mais pude esquecer, a mulher, com seu sorriso que não era uma máscara, mas que surgia como uma luz tépida, era aquela que talvez seja canonizada pelo Vaticano... Quando conheci essa mulher no campo de Westerbork... soube imediatamente que se tratava de um grande ser humano... Essa era a imagem daquela mulher de meia idade, que agia de modo tão jovial, que era íntegra, sincera e autêntica. Em uma conversa, ela disse: ‘O mundo é feito de contradições... No final de tudo nada restará desses contrastes. Somente o grande amor perdurará. Como é que isso poderia ser diferente? Ela falava com tanta certeza e humildade que os que ouviam ficavam arrebatados. Uma conversa com ela...isso era uma viagem a outro mundo. Nesses minutos, Westerbork deixava de existir... ‘Eu não sabia que certas pessoas podiam ser assim’, disse ela uma vez... ‘e também não tinha a menor ideia do quanto minha irmã e meu cunhado tiveram de sofrer... A todo momento rezo por eles’ (FELDMANN, 2001, p.135).

E, assim dizem que, ao se direcionar para a câmara de gás em Auschwitz, Stein disse: “Venha, vamos pelo nosso povo!”.

## **Memórias de Jan Patocka**

Jan Patocka (1907-1977), um dos derradeiros alunos de Husserl - checo de origem, como seu mestre - mas bem pouco conhecido do público em geral, foi certamente uma das mais brilhantes mentes do século XX, e um dos maiores pensadores de seu país<sup>6</sup>. Seu *testemunho* em relação ao Mestre, na forma de “recordações”, atesta a força de seu pensamento e indica boa parte da herança, do legado, do pensamento husserliano.

Patocka foi dos últimos a ter contato com Husserl antes de seu falecimento – o próprio Husserl considerava o jovem checo “um de seus discípulos mais penetrantes” (JAKOBSON, 2016) – e teve papel destacado na tarefa de tentar acolher o mestre após sua abrupta retirada da Universidade por parte dos Nazistas, na realização das famosas *Conferências de Praga*, em 1935 – cujo texto serviu de referência para Husserl redigir *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica*, seu “testamento filosófico” (FERRER, 2012) –, e na intenção de salvaguardar seus manuscritos, naquela verdadeira “operação de resgate” que redundou na criação dos *Husserl-Archivs* (VAN BREDA, 2007). Em 1938, no seu discurso em memória a Husserl, “Patocka elogiou o devotamento dedicado pelo filósofo falecido em favor de uma corrente perpétua de fé no livre direito do homem à verdade e à autodeterminação” (JAKOBSON, 2016, p. 239).

Após os acontecimentos de fins de 1960, Patocka não teve permissão para a circulação de seus escritos na Checoslováquia pois visitas às universidades estrangeiras foram proibidas em meados de 1970. Jakobson (2016), ao escrever o *Posfácio* ao *Essais Hérétiques: Sur la Philosophie de l’Histoire*, de Patocka, descreve um excelente retrato deste pensador: “Quando, em janeiro de 1977, Patocka tornou-se o porta voz do Grupo de Direitos do Homem e do Cidadão para a Carta 77, a imprensa checa intensificou seus ataques” (p. 240). Passou então a sofrer ainda mais perseguições administrativas e sucessivos interrogatórios, muitos deles extremamente longos e penosos. Numa de suas mensagens, Patocka defende uma “ética evidente por si só, não uma comandada pelas

---

<sup>6</sup> Jakobson (1981) atesta isto, lembrando os três grandes nomes da Filosofia checa: Jan Amos Komensky (1592-1670), Thomas Guarrige Masaryk (1850-1937) e Jan Patocka.

circunstâncias”, e finaliza declarando que “a assinatura de convenções sobre os direitos dos homens e da sociedade tornou-se possível como uma nova etapa da evolução histórica, isso constitui um retorno à consciência dos homens...” (p. 240). Tanta carga de perseguição acabou por levar Patocka a um colapso físico, culminando num ataque cardíaco e posterior hemorragia cerebral, chegando ao falecimento em 13 de março de 1977, em Praga, levando Paul Ricoeur a dizer, em artigo do *Le Monde*, que “(...) foi porque não teve medo que Patocka... foi... literalmente morto pelo poder” (RICOUER, 2016, p. 235).

Neste pequeno episódio biográfico, de um pensador conterrâneo, podemos vislumbrar um pouco da herança do pensamento de Husserl. Seu legado não é simplesmente “filosófico” – atestado por tantas publicações e pelos milhares de páginas ainda inéditas –, mas é igualmente *político*, no sentido que “política” tinha para o próprio Patocka: “(...) a política não tem outra finalidade que a vida para a liberdade, e não a vida para a sobrevivência ou mesmo para o bem estar; que o homem político está na origem do homem histórico, na medida em que, em última análise, a história testemunha a realização no espaço público aberto à liberdade e para a liberdade; enfim que a filosofia é o pensamento livre aplicado às condições possibilitadas pela política e pela história (...)” (RICOUER, 2016, p. 235).

A **abertura** que o pensamento fenomenológico propõe – *abertura*, aqui, como o alicerce e o estatuto da tese husserliana que, a nosso ver, pode servir para caracterizar a proposta e as atividades de Husserl (HOLANDA, 2014), enquanto *disponibilidade* e *dis-posição* frente ao mundo e à realidade – pode ser muito bem exemplificado pela diversidade de temas e pela diversidade de discípulos e colaboradores em torno do mestre. Husserl, não apenas não se “fecha” em doutrinas, não apenas não constrói uma “escola” no sentido dogmático, como explicita um projeto filosófico outro e completamente diferenciado, sem discriminação. Afinal, Husserl foi um dos primeiros a acolher entre seus colaboradores, um grupo de mulheres dedicadas ao filosofar, numa clara perspectiva de vanguarda do momento histórico. Essa abertura à “sensibilidade feminina” se consubstancia na presença e nos trabalhos de nomes como Edith Stein, Gerda Walther e Hedwig Conrad-Martius (ALES BELLO, 2000). Husserl igualmente não define roteiros prévios a serem seguidos, mas permite, dá liberdade de pensar, e neste particular, justifica a tese do “retorno às coisas-mesmas”, e de um sentido

intrínseco de busca, de descoberta, mesmo que suas pesquisas o conduzissem a caminhos distintos das dos seus colaboradores.

Nesta direção, podemos reconhecer que Husserl constrói o edifício da Fenomenologia em torno do **diálogo** e da fertilização de novas mentes, e de novas ideias. Podemos bem observar isto recorrendo novamente à trajetória de um pensador, como Jan Patočka. Paul Ricouer (2016), no *Prefácio* aos mesmos *Essais Hérétiques*, iguala a estatura do pensador checo à de Merleau-Ponty e, referindo-se a essa obra, aponta que, “(...) estes *Ensaio*s parecem ocupar, a partir da linhagem de Husserl e de Heidegger, o mesmo lugar que *O Visível e o Invisível*<sup>7</sup>, a saber, o prenúncio de uma continuidade ao mesmo tempo fiel e divergente atribuída às duas versões da fenomenologia. Ou seja, esses *Ensaio*s têm, como a obra póstuma de Merleau-Ponty, a beleza densa de certas figuras de Rembrandt, emergindo das trevas vibrantes do fundo do quadro” (p. 235).

A imagem do *diálogo*, da *interlocução*, da *abertura*, como legado, como “herança husserliana”, se aplica à singular leitura que faz Patočka da construção de sua filosofia da história, indicando “o nascimento quase simultâneo na Europa Ocidental da *política*, da *filosofia* e da *história*” (RICOUER, 2016, p. 235). Nessa obra, sob a égide da *heresia* – como transgressão, como ruptura “não somente com a vulgata marxista (o que é muito evidente), mas de modo muito mais decisivo e muito mais dramático com as visões de Husserl e de Heidegger sobre a historicidade” (p. 236); mas igualmente como abertura e liberdade ao pensar –, Patočka qualifica o debate fenomenológico, criticando tanto a posição de Husserl, quanto as de Heidegger, anunciando o mundo histórico como “natural”.

Em suas “recordações de Husserl”, publicadas em 1976, um pouco antes de sua morte, Patočka (2002) resgata algumas memórias de juventude e nos brinda com seus encontros com a Fenomenologia. Principia nos anos 1929, quando em Paris, seguia os cursos de André Lalande, na Sorbonne, até que certo dia, Lalande anuncia o término precoce de suas lições por conta de uma conferência que ali teria lugar com o professor Husserl, de Freiburg. “Enquanto a maioria dos meus companheiros abandonou a sala, eu

---

<sup>7</sup> *O Visível e o Invisível* é uma obra póstuma de Merleau-Ponty (1908-1961), editada em 1964, inacabada, na qual se constitui a distinção da noção de *Leib*, “corpo-próprio” para Husserl, e “carne” para Merleau-Ponty, na expectativa de superar a oposição entre corpo objetivo e corpo fenomênico.



permaneci ali com o coração acelerado, pois havia tempos que considerava a Husserl como o filósofo; havia seguido as conferências especiais de Gurvitch na Universidade de Paris sobre a filosofia alemã atual, e mantido contato com o Prof. Alexandre Koyré (1892-1964), que sabia ser discípulo de Husserl e que justamente agora teria que defender, na Sorbonne, sua grande tese doutoral sobre Jacob Boehme” (p. 8).

Este é o relato de uma testemunha das famosas *Conferências de Paris* e das *Meditações Cartesianas*, pronunciadas por Husserl na Sorbonne, a convite da *Académie Française*, e do Instituto de Estudos Germânicos, entre os dias 23 e 25 de fevereiro de 1929, e um tributo a Descartes. As *Meditações* saem publicadas em 1931, numa tradução por Emmanuel Lévinas, com revisão de Koyré. Sobre as personalidades acima citadas, temos de destacar a menção ao filósofo russo, naturalizado francês, George Gurvitsch (1894-1965), especialista em sociologia do conhecimento e que, desde sua instalação em solo francês, em 1925, participa da difusão da fenomenologia, sendo conhecido por sua publicação de 1930, *Les Tendances Actuels de la Philosophie Allemande*. Retornando às memórias de Patocka, ele afirma: “Vivi assim o nascimento das *Meditações Cartesianas*, projetadas e pensadas por Husserl como uma exposição sistemática da problemática fenomenológica (...)” (p. 9). Patocka ainda lembra que alguns grandes mestres da Sorbonne – como Émile Bréhier, Léon Brunschvicg e Étienne Gilson – não se fizeram presentes, provavelmente pelo fato das conferências terem sido pronunciadas em alemão, mas recorda-se da chegada de Léon Chestov, logo após a conclusão da conferência, “para felicitar com entusiasmo a quem com tanta frequência havia criticado” (p. 9). No dia seguinte, ali estava Husserl na defesa de Tese de Koyré, “como um simples espectador”, a assistir ao triunfo de seu antigo aluno.

Patocka relata ainda o seu reencontro com Husserl, na Berlim de 1932-33, ocasião em que pode viver “ao começo do fim da Europa”. Neste semestre de verão de 1933, Husserl sofria suas primeiras decepções e humilhações. Recebido pessoalmente pelo mestre, “(...) com a mais comovedora amabilidade”, teria dito: “Ah, finalmente! Tenho tido alunos de todos os cantos do mundo, mas um compatriota acerca de mim..., isto ainda não havia acontecido” (p. 10). Posteriormente apresentado e encaminhado a Eugen Fink, à época ajudante científico de Husserl, e a quem se reportava diretamente, brinda-nos ainda Patocka com uma lembrança fabulosa acerca da “missão espiritual” da Fenomenologia de Husserl: nesta ocasião, acompanhavam a Husserl e Fink, um chinês e

um japonês, a quem não recorda os nomes. Todavia, relata uma fala de Husserl: “Aqui estamos inimigos jurados (...), inimigos. Mas sobre todos nós, está a fenomenologia” (p. 10). Dos ensinamentos de Fink e de Husserl e, diríamos, do sentido de *princípio* para a Fenomenologia (diríamos mesmo, base, alicerce, fundamentos sobre os quais deve se edificar um pensar), diz Patocka que ambos “insistiam sempre por igual que se deveria concentrar sobre um problema concreto, singular, para a partir dele chegar a compreender e apreender o significado geral do método fenomenológico – de cujo alcance total somente muito mais tarde me dei conta” (p. 11). E, ainda sobre Fink, ressalta sua singular “arte de perguntar”.

Patocka não se furta a perceber o drama filosófico vivido por Husserl, particularmente no que se refere às diferentes posições entre si e Heidegger. Dizia que Husserl afirmava a impossibilidade de conciliação entre as duas posições, e que todos aqueles que se propunham a uma síntese, se deparavam com um beco sem saída; mesmo nunca se referindo ao antigo colaborador sem reconhecer sua genialidade: “Mas para Husserl, os dotes eram uma fonte de obrigações, antes que um valor em si” (p. 12). Ao final de seu encontro com Husserl na Alemanha, Patocka foi encaminhado a Ludwig Landgrebe, seu antigo ajudante e que, à época, buscava um lugar na Universidade de Praga. De retorno a Praga, Patocka encontra ainda Emil Utitz, antigo aluno de Brentano, que constituiu, em 1934, um *Círculo Filosófico de Praga*, com intenções de debates linguísticos, e que permaneceriam devedores das *Investigações Lógicas*, particularmente graças à mediação de Roman Jakobson (1896-1982).

Foi no ano de 1934 que se deu a ocasião do Congresso de Filosofia em Praga. Na ocasião, em que pese a ausência de Husserl, colocaram-se pela primeira vez, alguns planos para recuperar os manuscritos estenografados de Husserl e evitar-lhes a alienação pelo poder Nazista. As preocupações de Husserl com respeito ao seu trabalho científico vinham de muito tempo; “a origem de sua preocupação coincide com o predomínio da direção heideggeriana no seio da fenomenologia. A que se adicionaram, depois de 1933, os temores de ordem política, para os quais haviam fundamentos de sobra. Husserl havia se convertido em um ‘exilado interior’ em seu país, e já não mais podia esperar proteção alguma da parte das instâncias públicas” (p. 15). Os esforços em resgatar o legado e a obra de Husserl se consubstanciam nas conferências de 1935-36, em Viena e Praga, nas quais aparece com mais destaque o “problema do mundo da

vida” e o da “Crise” da racionalidade, da humanidade e da ciência. Sobre sua conferência em Praga, destaca Patocka: “O sucesso foi enorme; a impressão que produziram a pessoa de Husserl e a energia solitária de seu pensamento foi extraordinária. Nunca antes e nunca depois vi em nosso *Auditorium maximum* um acontecimento com aquele, (...) nunca o espírito da filosofia comoveu com tal imediatez” (p. 18).

Reunião de saberes e de sábios, amigos do “filosofar husserliano” vieram a Praga para escutá-lo, como Fritz Kaufmann e Alfred Schütz; e dali principiaram os planos para salvaguardar sua obra. Landgrebe foi em seguida a Freiburg, com a intenção de trasladar o material estenografado a Praga. Todavia, se impôs a realidade brutal da vida empírica, e contrapôs-se a todos os planos o trágico ano de 1936, com a ocupação da Renânia, o advento da *Blitzkrieg*, e o princípio do pesadelo nazista na direção da guerra total. Dali por diante, mesmo a história checa padeceria de décadas de tragédia, consolidando-se com a ocupação e dominação soviética. Nas palavras de Patocka, “o sonho checoslovaco já havia sido sonhado”, remetendo a uma frase de Husserl na *Krisis*. Em 1938, Patocka intentava encontrar-se com Husserl, quando foi chamado ao telefone, por Malvine Husserl, dizendo-lhe que o mestre havia escorregado no banho e lesionado seriamente. Sem a oportunidade de poder despedir-se, “em meu caminho de regresso até a fronteira boêmia, havia tropas por todos os lados, uma multidão de unidades motorizadas. Husserl foi poupado de viver a anexação da Áustria (e *a fortiori* a catástrofe checoslovaca)” (p. 19).

Mesmo assim, sua memória ainda persistiu, a partir da edição de um folheto com os discursos por ocasião das despedidas, e da edição de *Experiência e Juízo*, a cargo de Landgrebe, pelo editorial Marcus de Breslau, que havia se mudado exatamente para Praga. Este livro saiu pouco antes da ocupação nazista de Praga, e quase toda tiragem foi destruída. Logo depois, após o *Pacto de Munich*<sup>8</sup>, surge o verdadeiro salvador da obra husserliana, o Padre Herman Leo Van Breda que, além de salvar sua obra, ainda levou Landgrebe a Louvain, organizou os trabalhos que redundaram nos *Husserl-*

---

<sup>8</sup> O “Pacto de Munich” se deu em 1938, quando Daladier (Ministro da França) e Chamberlain (Primeiro Ministro da Inglaterra) firmam acordo com Hitler e Mussolini, cedendo os Sudetos, na expectativa de evitar a Guerra.

*Archiv*, além de cuidar da Sra. Malvine Steinchneider Husserl. “Em suma, salvou Husserl do pós-guerra e tornou acessível sua obra ao mundo filosófico” (p. 21).

## Considerações Finais

As recordações reconstróem a história, contextualizam momentos e personalizam lugares e pessoas que, de outro modo, nada mais seriam do que memórias frias e distantes. As recordações que aqui tentamos reunir - numa singela expectativa de abrir novos roteiros dentro dos já conhecidos caminhos da historiografia - serviram mais para “anunciar”, do que para “definir” marcas, com, por certo, muito mais a explorar. O que pretendemos foi recolher imagens, situações, contextos, estórias que, ao lado das especulações e reflexões filosóficas, pudessem clarear esse obscuro e por vezes tortuoso caminho que é a Fenomenologia. Muitas outras recordações poderiam aqui ter sido acolhidas, mas tornaria o espaço de um manuscrito irrealizável.

À pergunta “o que é a fenomenologia”? - que talvez tenha perseguido Husserl por toda sua vida -, eventualmente essas memórias possam servir de guias. Nas palavras de Lévinas (1994), “a fenomenologia quer precisamente arrancar a *sabedoria* aos amores passageiros, aos jogos loucos e às frequentes e comprometedoras visitas de conferencistas e ‘charlatães’ da moda. Entre a *sabedoria* e Sócrates, ela pretende uma união ‘para a vida’ e exige por isso toda a seriedade que tal união comporta” (p. 82).

Por certo que o movimento fenomenológico é bastante amplo, e transcende a relação objetiva entre “mestre” e discípulo. Para além dos “círculos” em torno dos quais gravitou a obra de Husserl, o “movimento” se estendeu nas teias dos entrelaçamentos, aproximações e dissensões, acolhendo nomes tão diversos quanto o são Stein, Fink ou Landgrebe, Heidegger, Sartre ou Merleau-Ponty; ou ainda Ricouer, Lévinas ou Gadamer. Para Husserl, somente alcançamos a significação filosófica ou mesmo a condição própria do que é *fenômeno*, quando o “re-situamos na vida consciente, no individual e indivisível de nossa existência concreta” (LÉVINAS, 1994, p. 82). Na transição entre os modos de pensar, Husserl não se furta a encontrar os empiristas - Berkeley e Hume, em particular - e, sem confundí-la com “sensualismo”, aproximar a condição humana do *sensível*. Novamente, Lévinas (1994) nos diz: “a primeira tarefa do fenomenólogo há de ser, pois, determinar a essência própria da consciência. E já conhecemos sua resposta. A consciência não está voltada sobre si mesma, como uma

coisa, mas *tende* em direção ao Mundo. O supremamente concreto no humano é esta transcendência com relação a si mesmo” (p. 85).

Desta feira, ser fenomenólogo é colocar tudo em questão, mas não um questionamento estéril de que tudo duvida, mas antes uma forma de questionar a essência humana através da sua consciência no mundo. O que nos leva, inevitavelmente, a constantemente repensar o mundo. Este talvez seja o supremo legado de Husserl, brilhantemente expresso numa das recordações de Émmanuel Lévinas (1994):

Cheguei a Freiburg justamente quando o mestre acabava de abandonar o ensino regular para consagrar-se à publicação de seus numerosos manuscritos. Tive o prazer de assistir às conferências que ainda realizava de tempos em tempos, em auditórios sempre abarrotados (...). Em seu seminário, reservado aos privilegiados, todas as nações estavam representadas, na maior parte por professores de faculdades: Estados Unidos e Argentina, Japão e Inglaterra, Hungria e Espanha, Itália e Rússia, e mesmo Austrália. Observando essa brilhante assembleia, compreendi aquele estudante alemão que encontrei no trem Berlim-Basileia, logo que chegava a Freiburg. Ao perguntar-lhe sobre seu destino final, este me respondeu sem pestanejar: ‘Vou ter com o maior filósofo do mundo’ (p. 91).

Que o encontro com as memórias sobre Husserl seja uma das possibilidades de encontro com a própria Fenomenologia, colocando não só contexto e propriedade, mas, acima de tudo, dando à Fenomenologia a dimensão efetiva de um constante repensar a vida, de suas memórias às suas construções futuras.



## REFERÊNCIAS

- ALES BELLO, Angela. **A Fenomenologia do Ser Humano. Traços de uma filosofia no feminino.** Bauru: EDUSC, 2000.
- DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas.** São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- FELDMANN, Christian. **Edith Stein: judia, atea e monja.** São Paulo: EDUSC, 2001.
- FERRER, Diogo Falcão. Apresentação da Tradução Portuguesa, *In* Edmund HUSSERL, **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental. Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica** (p. XI-XVII), Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Meu Caminho na Fenomenologia.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/heidegger\\_martin\\_o\\_meu\\_caminho\\_na\\_fenomenologia .pdf](http://www.lusosofia.net/textos/heidegger_martin_o_meu_caminho_na_fenomenologia.pdf)
- HOLANDA, Adriano Furtado. **Fenomenologia e Humanismo. Reflexões Necessárias.** Curitiba: Juruá Editora, 2014.
- HUSSERL, Malvine Steinschneider. **Skizze eines Lebensbildes von E. Husserl.** Em: Schuhmann, Karl. "Skizze eines Lebensbildes von E. Husserl", *Husserl Studies* 5 (1988): 105-125. (Tradução em espanhol para uso em aula e não publicado/inédito de RABANAQUE, L. R. "Malvine Husserl, Esbozo de una semblanza de E. Husserl").
- JAKOBSON, Roman. Curriculum vitae de um filósofo checo: (posfácio ao "Essais hérétiques: sur la philosophie de l'histoire", de Jan Patočka). **Phenomenological Studies–Revista da Abordagem Gestáltica** (Goiânia), v. 22, n. 2, pp. 239-241, dez. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672016000200017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200017&lng=pt&nrm=iso) >. acessos em 09 mar 2017.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Les Imprévus de l'Histoire.** Paris: Fata Morgana, 1994.
- PATOCKA, Jan. Recuerdos de Husserl. **Devenires III**, 6, pp. 7-22, 2002. Disponível em: <http://filos.umich.mx/devenires/Devenires-6/p7-22.pdf>
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: Unicamp, 2007.
- RICOEUR. Paul. **Na Escola da Fenomenologia.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- RICOUER, Paul. Prefácio ao "Essais hérétiques: sur la philosophie de l'histoire", de Jan Patočka. **Phenomenological Studies–Revista da Abordagem Gestáltica** (Goiânia), v. 22, n. 2, pp. 235-238, dez. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672016000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672016000200016&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 09 mar 2017.
- SCHUHMAN, Karl. **Skizze eines Lebensbildes von E. Husserl**, *Husserl Studies* 5, pp. 105-125. (Utilizamos a tradução livre de Rabanaque, Luis R. (s/d). Malvine Husserl, Esbozo de una semblanza de E. Husserl), 1988.
- SPIEGELBERG, Herbert. **The Phenomenological Movement: a historical introduction.** Boston: Martinus Nijhoff, 1982.
- SARTRE, Jean-Paul. **A Imaginação.** São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.
- STEIN, Edith. **La scelta di Dio – Lettere 1917-1942.** Roma: Citta Nuova, 1973.

STEIN, Edith. **Vida de una Familia Judía**. Em: Stein, E. Obras completas: Escritos autobiográficos y cartas. Vol. I (J. G. Rojo e cols., trads). Burgos: Editorial Monte Carmelo, 2002.

VAN BRENDA, Herman Leo, The Rescue of Husserl's Nachlass and the Founding of the Husserl-Archives, *In* Rudolf Bernet (Ed.). **Geschichte des Husserl-Archivs/History of the Husserl-Archives**, Dordrecht, Springer, pp. 39-70, 2007.